

Crônica: tudo para você ARRASAR NO SEU TEXTO | Stoodi

por Raquel Brito | abr 2, 2018 | Dicas de estudo | 0 Comentários



Google+
0



LinkedIn



Facebook
k



Twitter
1



Este guia completo vai facilitar a sua vida na hora de escrever uma crônica

O que é crônica?

A **crônica** é um texto que tem a **idade delimitada** e narra fatos históricos, seguindo uma ordem cronológica. Geralmente faz uma crítica ou comentário sobre algo que está sendo debatido no momento.

Em primeiro lugar, uma crônica deve ser curta, essa é sua primeira regra de ouro. Ela não é um livro, nem pretende provar como funciona o universo.

É um texto mais simples, com o objetivo de apresentar uma única ideia ou uma percepção da realidade.

Percepções do cotidiano

Sobretudo, uma percepção do cotidiano, das pequenas coisas da vida e, neste sentido, nós brasileiros, podemos nos orgulhar de termos produzido um dos maiores cronistas do mundo: Nelson Rodrigues.

A melhor fonte de **exemplos de crônica** que podemos citar. Muitas delas estão disponíveis na internet para que você leia, se inspire e, mais do que isso, para que perceba as diferenças entre os estilos utilizados pelo escritor.

Nelson escrevia sobre futebol, costumes, religião e até sobre política, mas, acima de tudo, escrevia sobre detalhes.

Esta é a segunda regra do gênero crônica: uma ideia simples e corriqueira, em um texto curto. No entanto, compreenda que uma ideia simples não significa uma ideia simplória.

Roteiro básico da crônica

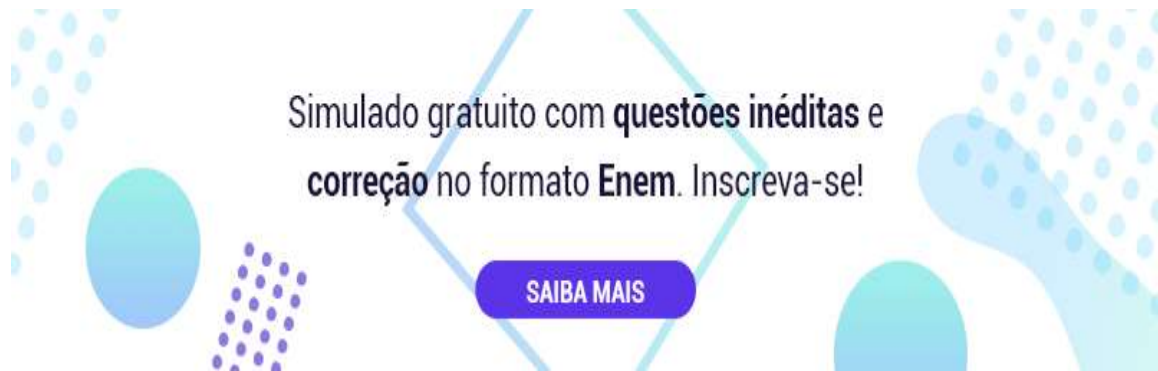
Em geral, todo texto de Nelson seguia um roteiro básico.

- Uma introdução rápida;
- A descrição de eventos do cotidiano, como uma partida de futebol, por exemplo;
- Uma grande sacada.

Um exemplo de grande sacada foi o famoso “complexo de vira-latas”, que usou pela primeira vez para explicar os motivos de uma derrota da seleção brasileira.

Mais à frente, reproduziremos esta crônica para que você possa verificar isso por conta própria. Agora, precisamos fixar o que acabamos de dizer.

Então, vamos resumir de forma simples e direta.



Características da crônica

- Texto curto;
- Temas do cotidiano;
- Percepção pessoal do assunto.

Estas são as **três principais características da crônica**, mas não custa repetir que esta percepção pessoal, normalmente, se baseia em uma ideia simples.

E para podermos explicar isso melhor, primeiro, precisamos entender que apesar de seguir estas regras (ou características), existem algumas variações. E são estas variações que trazem à tona a ideia central de cada crônica. Então, vamos destrinchar o assunto.

Como fazer uma crônica: passo a passo





A crônica, assim como todo texto, possui uma sequência lógica a ser seguida. Esse formato permite que ela seja legível. Portanto, a estrutura de uma crônica é formada por apresentação, desenvolvimento e conclusão.

Porém, como os objetivos de cada crônica são variáveis, estes elementos também têm pequenas variações. Para explicar isso, vejamos alguns tipos de crônica:

- **Crônica narrativa:** tem a intenção de narrar um evento cotidiano, apresentando o ponto de vista do autor sobre os fatos. Portanto, inicia apresentando a situação, desenvolve os acontecimentos e fecha com uma opinião do cronista.
- **Crônica argumentativa:** quer ser a favor ou contra um determinado tema ou, pelo menos, fazer pensar sobre ele. Assim, começa apresentando a discussão, desenvolve algumas possíveis interpretações e termina com a opinião do escritor.
- **Crônica literária:** o maior ícone deste estilo é [Clarice Lispector](#), mas Luis Fernando Veríssimo também utiliza esta técnica, que consiste em contar uma história do cotidiano para demonstrar um ponto de vista através dela.
- **Crônica humorística:** esta é uma das mais rebeldes da turma, porque José Simão e Millôr Fernandes já provaram que a estrutura pode ser quebrada. Quer uma dica? É preciso expor muito bem uma situação ou contexto para ter graça.



Esses não são os únicos estilos de crônica, mas são suficientes para perceber uma coisa que todos têm em comum: o ponto de vista do autor.

Ou seja, o humorista quer fazer rir e, para isso, escreve de forma diferente de quem argumenta a favor de uma ideia, por exemplo. Porém, ambos escrevem suas **crônicas** a partir de um ponto de vista. É por isso que o primeiro passo para escrever uma crônica é definir seu ponto de vista.

Passando sua personalidade para o papel



Finalmente, chegamos a escrita em si e para simplificar a forma de **escrever uma crônica**. Vamos imaginar um ponto de vista: digamos que você queira argumentar contra uma política do governo.

Como a política do presente é um assunto conhecido, você não precisa explicá-lo detalhadamente, porque as pessoas sabem do que está falando.

Desta forma, sua crônica só precisa descrever ou apresentar aquilo que não é óbvio na tal política, aquilo que você acha que as pessoas não estão enxergando.

Estrutura da crônica

Basicamente, você segue uma estrutura como esta:

- Rápida exposição sobre a política em si, apenas para situar o leitor;
- Entra no assunto, detalhando sua percepção dos impactos no cotidiano;

- Encerra destacando sua grande ideia (seu ponto de vista).

Se fez tudo corretamente, o leitor já estará plenamente consciente da sua opinião quando apresentar seu ponto de vista, faltando apenas arrematar a ideia central.

Como escrever bons textos

Fora isso, o resto depende da sua dedicação, já que para escrever bons textos são necessárias duas coisas:

- Escrever sempre, de preferência, um pouco todos os dias;
- Ler, reler e revisar seus textos, quantas vezes forem necessárias.

É de conhecimento geral que escrever sempre é uma maneira de melhorar a escrita. Porém, quanto a reler e revisar são 2 fatores muito importantes e responsáveis pelos principais erros cometidos em redações de estudantes.

Antes de concluir, vamos ver o exemplo da crônica de Nelson Rodrigues, citada no início.

Exemplos de crônicas

Confira 3 **exemplos de crônicas**, de alguns dos melhores cronistas do Brasil.

1. COMPLEXO DE VIRA-LATAS

"Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: "O Brasil não vai nem se classificar!". E, aqui, eu pergunto:

— Não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um score tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio



arrancou, de nós, o título. Eu disse "arrancou" como poderia dizer: "extraíu" de nós o título como se fosse um dente.

E hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: — o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: — se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício.

Mas vejamos: — o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, "não". Mas eis a verdade:

— eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: — sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado do Flamengo. Pois bem: — não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma:

— temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de "complexo de vira-latas". Estou a imaginar o espanto do leitor: — "O que vem a ser isso?" Eu explico.

Por "complexo de vira-latas" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos "os maiores" é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo.

O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota.

Insisto: — para o escreite, ser ou não ser vira-latas, eis a questão. "

Nelson Rodrigues, Texto extraído dos livros: "As cem melhores crônicas brasileiras", editora Objetiva, Rio de Janeiro (RJ), p 118/119.

"À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol", seleção de notas de Ruy Castro – Companhia das Letras – 1993.

2. PNEU FURADO

"O carro estava encostado no meio-fio, com um pneu furado. De pé ao lado do carro, olhando desconsoladamente para o pneu, uma moça muito bonitinha. Tão bonitinha que atrás parou outro carro e dele desceu um homem dizendo "Pode deixar". Ele trocava o pneu.

- Você tem macaco? – perguntou o homem.*
- Não – respondeu a moça.*
- Tudo bem, eu tenho – disse o homem – Você tem estepe?*
- Não – disse a moça.*
- Vamos usar o meu – disse o homem.*

E pôs-se a trabalhar, trocando o pneu, sob o olhar da moça.

Terminou no momento em que chegava o ônibus que a moça estava esperando. Ele ficou ali, suando, de boca aberta, vendo o ônibus se afastar.

Dali a pouco chegou o dono do carro.

- Puxa, você trocou o pneu pra mim. Muito obrigado.*
- É. Eu... Eu não posso ver pneu furado. Tenho que trocar.*
- Coisa estranha.*
- É uma compulsão. Sei lá.*

Luís Fernando Veríssimo. Livro: *Pai não entende nada*. L&PM, 1991 "

3. O MELHOR AMIGO

A mãe estava na sala, costurando. O menino abriu a porta da rua, meio ressabiado, arriscou um passo para dentro e mediu cautelosamente à distância. Como a mãe não se voltasse para vê-lo, deu uma corridinha na direção de seu quarto.

- Meu filho? – gritou ela.
- O que é? – respondeu, com ar mais natural que lhe foi possível.
- Que é que está carregando aí?

Como podia ter visto alguma coisa, se nem levantara a cabeça? Sentindo-se perdido, tentou ganhar tempo:

- Eu? Nada...
- Está sim. Você entrou carregando uma coisa.

Pronto: estava descoberto. Não adiantava negar, o jeito era procurar comovê-la. Veio caminhando desconsolado até a sala, mostrou à mãe o que estava carregando:

- Olha aí, mamãe: é um filhote...

Seus olhos súplices aguardavam a decisão.

- Um filhote? Onde é que você arranjou isso?
- Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe?

Sabia que não adiantava: ela já chamava o filhote de ISSO. Insistiu ainda:

- Deve estar com fome, olha a carinha que ele faz.
- Trate de levar embora esse cachorro agora mesmo!
- Ah! Mamãe... – já compondo cara de choro.
- Tem dez minutos para botar esse bicho na rua. Já disse que não quero animais aqui em casa. Tanta coisa para cuidar, Deus me livre de ainda inventar uma amolação dessas.

O menino tentou enxugar uma lágrima, não havia lágrima. Voltou para o quarto emburrado: a gente também não tem nenhum direito nessa casa – pensava. Um dia ainda faço um estrago louco. Meu único amigo, enxotado dessa maneira!

- Que diabo também, nessa casa tudo é proibido! – gritou lá do quarto, e ficou esperando a reação da mãe.
- Dez minutos! – repetiu ela, com firmeza.
- Todo mundo tem cachorro, só eu que não tenho.
- Você não é todo mundo.
- Também, de hoje em diante eu não estudo mais, não vou mais ao colégio, não faço mais nada.
- Veremos – limitou-se a mãe, de novo distraída com a costura.
- A senhora é ruim mesmo, não tem coração.
- Sua alma, sua palma.

Conhecia bem a mãe, sabia que não havia apelo: tinha dez minutos para brincar, com seu novo amigo, e depois... Ao fim de dez minutos, a voz da mãe, inexorável:

- Vamos, chega! Leva esse cachorro embora.
- Ah, mamãe deixa! – choramingou ainda.
- Meu melhor amigo, não tenho mais ninguém nessa vida...



- *E eu? Que bobagem é essa, você não tem a sua mãe?*
- *Mãe e cachorro não é a mesma coisa.*
- *Deixa de conversa: obedece a sua mãe.*

Ele saiu, e seus olhos prometiam vingança. A mãe chegou a se preocupar: meninos nessa idade, uma injustiça praticada e eles perdem a cabeça, um recalque, complexos, essa coisa toda...

Meia hora depois, o menino voltava da rua, radiante:

- *Pronto, mamãe!*

E lhe exibiu uma nota de vinte e uma de dez: havia vendido seu melhor amigo por trinta dinheiros.

- *Eu devia ter pedido cinquenta, tenho certeza de que ele dava* – murmurou pensativo.

Fernando Sabino – Livro : “A Vitória da Infância” -Editora Ática

Escrever é passar uma mensagem



Percebe como Nelson usa um evento do cotidiano para defender uma ideia?

Tudo que ele escreveu em sua **crônica** tem este objetivo: passar a mensagem de que nós precisamos superar o tal complexo de vira-latas. É um ponto de vista pessoal, passado claramente através de uma mensagem curta.

O texto pode ser curto

Lembre-se que uma mensagem pode ser curta, como em uma crônica, e isso não é um problema.

Quando pensamos em transmitir uma mensagem, precisamos tomar muito cuidado para que os leitores entendam nossa mensagem. A redação do **Enem**, por exemplo, analisa muito a capacidade de um candidato se expressar.

Por isso, é importante praticar todos os dias, mesmo que seja pouco.

Também é preciso ler o que você escreve, de preferência em voz alta, para você mesmo, em frente ao espelho. Esse é um exercício útil para verificar se suas ideias são coerentes, se a sequência em que está apresentando faz sentido e assim por diante.

E não há outro caminho. Neste caso, literalmente, apenas a prática é capaz de ajudar.

AGORA QUE VOCÊ JÁ SABE O QUE SÃO E VIU EXEMPLOS DE CRONICAS NARRATIVAS, ARGUMENTATIVAS, ENTRE OUTROS, VAMOS CONFERIR OUTROS CONTEÚDOS COMPLETOS PARA TE AJUDAR A SE PREPARAR PARA O [ENEM](#) E PRINCIPAIS VESTIBULARES DO BRASIL? ENTÃO [CADASTRE-SE GRATUITAMENTE NO STOODI](#) E APROVEITE.



Raquel Brito

Posts Relacionados



O Grito -
Edvard Munch

INTERTEXTUALIDADE:
TUDO O QUE VOCÊ



QUANDO
VOCÊ ESTUDA
TANTO QUE JÁ



"POR QUE
VOCÊ NÃO

PRECISA SABER | STOODI

Quer saber tudo sobre intertextualidade? Esse texto completo vai te explicar o que é, quais...

NÃO DORME DIREITO

MUDA DE CURSO?"

"Talvez um mais fácil..."

3 comentários

Cl



Adicione um comentário...

**Gabi Lucena**

Muito bom! Obrigada

Curtir · Responder · 8 sem

**Jamile Marcela Ribeiro**

Obrigada por me ajudar

Curtir · Responder · 1 · 6 sem

**Bruno Santana Silva**

valeu

Curtir · Responder · 1 · 6 sem

[Plugin de comentários do Facebook](#)

MATÉRIAS

Matemática

Física

Química

Biologia

Literatura

Gramática

Redação

História

Geografia

Atualidades

Filosofia

Sociologia

Artes



Inglês
Espanhol

VESTIBULARES

Fuvest
Unicamp
Unesp
Fatec
UFMG
UERJ
UEM
UNB
UNEB
USP

CURSOS

Enem e Vestibulares
Correção de Redação
Cadastre-se gratuitamente
Assine agora

ACOMPANHE AS NOVIDADES



Facebook



Twitter



Instagram



YouTube

Copyright (c) 2013 - 2018 Stoodi Ensino e Treinamento a distância S.A.

Todos os direitos reservados | CNPJ 19.292.023/0001-45 | Rua Catequese 227 – Cj. 21, 23, 24, 61, 62, 63 e 64
e Butantã – São Paulo/SP – CEP 05502-020

